

Rousas John Rushdoony

(25 de abril de 1916 – 8 de fevereiro de 2001)

Mark R. Rushdoony

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Um elogio funeral por seu filho, Rev. Mark Rousas Rushdoony.

Obrigado por virem hoje e mostrar seu amor e respeito por meu pai, Rousas John Rushdoony, e por celebrar sua entrada na recompensa eterna.

Ele era um homem que dominava as palavras. Como tal, merece um elogio mais eloqüente do que aquele que posso dar. Meu pai era um homem extraordinário, um homem de fé firme, e um homem que com certeza agiria de acordo com suas convicções naquilo que a fé exigisse dele. Nós o conhecemos em diferentes capacidades. Seria muito difícil para mim falar sobre ele como um pai e gostaria de manter essas memórias comigo para sempre. Antes, gostaria de falar um pouco sobre a vida de Papai no que diz respeito aos seus labores como um ministro do evangelho de Jesus Cristo.

Meu pai nasceu em 25 de abril de 1916, na cidade de Nova York, filho de imigrantes armênios. Ele foi concebido no Velho Mundo e nasceu no Novo. Seus pais esperaram até que ele tivesse umas poucas semanas de idade antes de viajarem para Kingsburg (Califórnia), onde seu pai foi pastor fundador da Igreja Presbiteriana dos Mártires Armênios.² Essa era uma igreja de fala armênia, constituída de imigrantes recentes que, como seus pais, tinham fugido do primeiro genocídio do século vinte. Meu pai falava um inglês limitado antes de entrar na escola.

Os princípios da cosmovisão do meu pai tomaram forma nesse ambiente extenso de família e amigos que compartilhavam um passado horrível. Meu pai tinha ciência que essas pessoas, seu povo, tinham perdido tudo porque eram cristãos não desejados numa cultura não-cristã. Meu pai

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com Traduzido em outubro/2008.

² Armenian Martyrs' Presbyterian Church.

tinha uma memória fenomenal. Ele lembrava das histórias contadas por aqueles da Diáspora Armênia, que vinham da fazenda buscando informação sobre os amados perdidos nos massacres, ou para lembrar do Velho País. Seu pai também lhe falava bastante sobre a vida no Velho País e encheu Papai de amor por uma terra que ele nunca viu. A despeito das experiências trágicas daquela geração, meu pai sempre se lembrava deles como um grupo alegre que amava rir e cantar. Meu pai pôde ver o caráter, fortaleza e mesmo grandeza deles como vindo da fé cristã que tinham.

Meu pai amava rir e desfrutar a vida. Ele cria que a fé cristã era uma de alegria e satisfação. Ele não cria na piedade “azedada”. A capacidade de ver a fé cristã como uma de alegria e vitória, a despeito das dificuldades temporais, tornou-se parte de quem ele era.

Sua família viveu em Detroit (Michigan) por um tempo, antes de retornar para Kingsburg. No tempo em que terminou o segundo grau, ele vivia numa fazenda e uma cidade industrial, e havia rumores de prosperidade e depressão tanto nos cenários urbanos como rural. Ele já era um leitor voraz.

Quando entrou na Universidade da Califórnia, ele viu uma cosmovisão secular, cínica e humanista. O Marxismo estava em voga e a União Soviética era saudada como um modelo de reforma progressiva. Ele terminou tomando muito do ensino seletivamente. Frequentemente se inscrevia numa matéria por seu estímulo e então abandonava.

O seminário foi um desafio semelhante. Mas naquele tempo ele já sabia o suficiente para frequentar um seminário que fosse abertamente modernista. Ele disse que preferia antes isso do que o modernismo sob o nome de ortodoxia.

Meu pai soube muito cedo que desejava escrever. Mas após sua graduação e ordenação em 1944, ele fez algo muito incomum. Ao invés de procurar o pastorado de uma igreja urbana que lhe forneceria posição e acessibilidade, ele se tornou um missionário por 8 anos e meio numa reserva indígena remota, ao norte de Nevada, onde ele algumas vezes seria ficaria preso por meses devido à neve. Ele fez isso por uma consideração real, embora não sentimental, pelos índios, uma crença que eles tinham sido gravemente maltratados. Mas ele sentiu também que precisava aprender a como tornar a fé relevante. Ele já era um jovem bem instruído, mas queria

aprender como tornar a fé significativa para os outros. O isolamento também o capacitou a estudar e começar e escrever artigos. Ele amava seus anos na reserva, e sempre falava deles nos termos mais adoráveis. Ele dizia com tanta frequência “durante meus anos na reserva” que não poucas pessoas pensavam ser ele um indígena americano.

Restrições familiares fizeram-no deixar a reserva indígena e ele então se mudou para Santa Cruz (Califórnia), onde pastoreou duas igrejas. Santa Cruz era então uma comunidade de aposentados, e uma vez Papai estimou ter realizado mais de 500 funerais, a maioria deles durante esses anos. Foi em Santa Cruz que ele começou a escrever seus livros.

Após nove anos em Santa Cruz, ele se afastou do pastorado em tempo integral para se dedicar a escrever e em 1965 mudou-se para Los Angeles e fundou a *Chalcedon*, uma fundação devotada à aplicação da fé cristã a tudo da vida e do pensamento. As pessoas disseram-lhe que uma organização dedicada a idéias nunca poderia ter sucesso, mas ele não recuou. Devotado à escrita, ao estudo e ao ensino em tempo integral, meu pai começou a produzir manuscrito após manuscrito. Quando as pessoas pensam em meu pai, pensam nele como um professor, um teólogo, um historiador, ou um filósofo. Muitos passaram a respeitá-lo por causa do seu brilhantismo, mas a ênfase do meu pai nunca foi ele mesmo, mas a mensagem. Essas eram todas as áreas nas quais o seu conhecimento poderia apontar as pessoas a Deus e à Sua justiça.

A maioria das pessoas sabe que meu pai escreveu livros e amava ler e colecioná-los. Minhas irmãs e eu todos aprendemos que rasgar ou rabiscar um livro era um pecado que você não podia repetir. Contudo, poucos sabem que meu pai escreveu poesias. Um desses é sobre seu amor pela palavra escrita. Ele o escreveu em 1970. Gostaria de ler o mesmo. Tinha o título “O Deleite das Palavras”.³

*O deleite das palavras, acima de todos os
Impérios, faz-me senhor
E Rei. Nenhum mendigo aqui,
Na majestade, eu posso fornecer
A riqueza entesouradas das gerações.
Venha, reúnam-se e nunca tenham
Uma escassez de ouro e prata*

³ “The Luxury of Words” Copyright 2001 by Dorothy Rushdoony and the Rushdoony Irrevocable Trust.

*Essa é a esfera
Da plenitude sem fim, um dote
De riqueza e poder:
Todas as palavras quando servas da Palavra
São potentados cujas leis são ouvidas.*

No tempo quando meu pai fundou a *Chalcedon* e começou a estudar e escrever intensamente, alguns ministros cristãos estavam fazendo o seu próprio nome e conseguindo uma grande quantidade de dinheiro promovendo uma política conversadora, denunciando o comunismo ou lutando com um espantalho após outro. Mas meu pai sabia que o seu ministério não era isso. Meu pai viu o cenário completo.

Papai via o próprio tempo como criação de Deus. A história humana estava dentro dos limites do plano divino. A história humana tinha um começo na criação e um fim no juízo final. O ponto focal desse intervalo de existência humana é a encarnação de Jesus Cristo e Sua morte na cruz, que pagou nossa merecida pena de morte pela rebelião contra Deus. No final do mundo, meu pai diria, todos os homens conhecerão a Jesus Cristo. Alguns O conhecerão como seu Salvador e Senhor, que restaurou-lhes à comunhão com Deus. E alguns O conhecerão como seu Juiz. O papel do ministro é apontar os homens para Jesus Cristo como Salvador e Senhor, e orar para que o Espírito de Deus leve-os ao arrependimento e fé em Sua obra salvadora sobre a cruz.

Meu pai sempre se considerou um ministro em primeiro lugar, pois esse era para ele o chamado mais sublime. Tristemente, muitos o viam como uma ameaça ao próprio evangelho. Ele preocupava um grande número de pessoas. Meu pai uma vez escreveu que cria num Cristianismo máximo, não mínimo. Ele não cria que o objetivo primordial da igreja era ver os pecadores salvos. Papai cria que isso era onde a obra da igreja começava. Ele cria que a igreja, a família, a escola e todos os indivíduos e instituições deveriam ser ensinados a como servir a Deus em palavra, pensamento e ato. Meu pai cria que Deus é infinito, e assim instava que os cristãos vissem a fé deles em termos das implicações da imensa grandeza do que eles confessam.

Meu pai denunciou a tendência de restringir a Fé a uma parte da nossa vida. Para o meu pai, a Fé era mais que uma questão espiritual pessoal, embora fosse isso também. Ele via a Fé como sendo tão grande quanto o tempo e a eternidade. Ele não via limites em Deus e nem em Suas exigências. Papai chamava as pessoas a não somente crer em Deus e em Seu Filho Jesus Cristo, mas à obediência em todas as áreas da vida. Quando ele falava do poder e majestade de Deus, pronunciava mais que lições teológicas; ele falava com uma fé segura e uma confiança prática. Meu pai cria que o futuro é tão brilhante quanto as promessas de Deus, e instava que os outros assim

cressem. Mas ele nunca viu isso como sendo grande fé; ele via isso como a mínima essência da fé.

Lembro quando meu pai não era tido em alta estima. Alguns pensavam que ele era um vilão que confundia uma mensagem espiritual simplista com esse cenário completo e a responsabilidade que o mesmo coloca sobre os homens. Mas na década de 1970 quando os cristãos estavam sendo aprisionados por educarem seus filhos em escolas e lares cristãos, muitos ao longo de todo o país viram um homem distinto e de cabelo branco que eles nunca tinham visto, aparecendo nos tribunais para agir como uma testemunha especialista em defesa deles. Meu pai testemunhou em dezenas desses casos, e lentamente a maré virou à medida que vitória após vitória era ganha em favor da liberdade religiosa. As pessoas viram o meu pai em uma nova luz. Ele ajudou-as, todavia fez com que reexaminassem suas próprias crenças. Ele expressou uma fé que ajudou-as a tomar uma posição baseada na Palavra de Deus. Uma vez meu pai foi ridicularizado no palanque das testemunhas por um promotor que tentava desacreditar seu testemunho. O promotor queria fazer com que meu pai parecesse ignorante e preconceituoso por dizer que não cria na evolução simplesmente porque a Bíblia ensina a criação em seis dias. Quando o promotor perguntou com cinismo porque meu pai não cria na teoria da evolução, papai respondeu com ceticismo que não tinha uma fé grande como aquela. Muitos começaram a ver que meu pai era um homem que poderia ensinar-lhes algo sobre ficar de pé em favor da Fé.

Meu pai amava seu trabalho, porque era para o reino de Deus. Sua doença nos anos recentes tornou sua obra difícil, e seu único lamento era que ele tinha mais trabalho que gostaria de fazer, mas estava pronto para morrer. Ele cria em Deus e na realidade da morte substitutiva de Cristo por nossos pecados. Ele cria que pela misericórdia e graça de Deus a obra de Deus foi colocada em sua conta. Ele sabia que reinaria com Cristo.

Meu pai freqüentemente falava com deleite das referências do Antigo Testamento sobre a pessoa reunir-se aos seus pais. Muitos têm comentado que, porque meu pai era um ministro, teólogo e erudito, ele estava falando de Moisés, Paulo, Calvino, Lutero, Van Til ou outros grandes homens da Fé. Mas várias vezes ao longo dos últimos anos ele falava de ir para o céu e seus primeiros pensamentos eram ver sua “Mãe e Pai”. E então ele suspirava e dizia “e muitíssimos santos”. Eu sabia que seus pensamentos estavam em sua herança armênia e seu lar e vida na igreja em Kingsburg. Meu pai mantinha um retrato reconstruído da antiga Igreja Presbiteriana dos Mártires Armênios perto de sua mesa onde ele escrevia. Ele também mantinha uma cópia dessa foto em uma das suas Bíblias com a inscrição “minha igreja natal” atrás.

Papai reverenciava seus ancestrais armênios. Alguns pensavam ser isso parte de um orgulho nacionalista. Havia orgulho, mas ele via no testemunho

deles a essência do que significa sustentar a Fé. Num tempo diferente e de uma forma diferente, ele também sustentou a Fé, e muitos olharão para a sua vida e trabalho e derivarão uma força e coragem similar. A fé do meu pai fortaleceu muitos de nós e continuará a fazê-lo nos anos por vir.

Meu pai cria que a vida cristã era uma de alegria porque nossa vitória era certa no tempo e na eternidade, nossa vitória tendo sido adquirida dois mil anos atrás por Jesus Cristo. Nossa tarefa é crer e permanecer fielmente em obediência dedicada enquanto Deus nos der fôlego de vida. Mas mesmo uma vitória garantida exige nossa entrada na batalha. E ele constantemente encorajou os cristãos a batalhar contra o mal em serviço a Jesus Cristo.

Meu pai permaneceu fiel. Suas últimas palavras a sua família foram para lutar a batalha em busca da nossa vitória certa. “Fomos ordenados à vitória”, disse ele.⁴ Ele poderia dizer, assim como fez Paulo ao dizer adeus aos presbíteros de Éfeso:

E agora, na verdade, sei que todos vós, por quem passei pregando o reino de Deus, não vereis mais o meu rosto. Portanto, no dia de hoje, vos protesto que estou limpo do sangue de todos. Porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus.

Ano passado sugeri a Papai que ele estava se esforçando demais ao tentar pregar, mesmo ocasionalmente. Sua resposta foi: “Se não posso pregar, não há razão para continuar.” Embora muito doente, meu pai pregou até o último mês antes da sua morte. No domingo antes de morrer, ele pediu perdão por não conseguir pregar. Foi naquela noite que Papai pediu que eu reunisse minhas irmãs. Gostaria de ler o último parágrafo do seu último sermão não-pregado sobre 1 João 5:10-12:

“Quem não tem o Filho de Deus não tem a vida” (v. 12). A vida não é uma propriedade da carne, mas de Deus, que por Sua graça nos dá vida. Foi Ele quem nos fez e só Ele pode dar a vida eterna. A vida deve ser vivida nos termos de Deus, de acordo com Sua lei, e em Sua graça. Assim, a vida é um dom, não um atributo.

Paulo disse: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho. Meu pai viveu para Cristo e Seu reino. Para a família, seus amigos e a igreja dos nossos dias sua morte é uma grande perda. Para Papai isso é ganho. Ele ganhou sua vitória certa em Cristo.

Mas a batalha continua. E honramos meu pai e a sua vida ministerial ao continuar seus labores no reino, como ele nos instou a fazê-lo. Eles

⁴ http://www.monergismo.com/textos/morte/o-ultimo-sermao-rjrush_Mark-Rushdoony.pdf

continuarão na *Chalcedon* e na *Ross House Books* e continuarão em seus filhos, nos seus netos, nos seus bisnetos e nos filhos destes. E muitos de vocês vieram de lugares distantes hoje porque esses labores dos quais ele falava continuam em vocês. Nosso labor por Cristo e a grande batalha moral da continuam. E como ele instou sua família, devemos lutar porque fomos “ordenados à vitória”.

Muitas pessoas ficavam impressionadas com o domínio das palavras pelo meu pai. Mas mesmo seu maior dom ele via como nada diante do Deus a quem servia. Gostaria de concluir com outro dos poemas do meu pai, esse escrito em 1952, quando estava na reserva indígena.

When the Silence Comes [Quando Chega o Silêncio] ⁵

*What shall I say when the silence comes?
The words, which like lush grass,
Grow rapidly on Babel's soil, will wither. The scums
Of speech, which with unhallowed brass,
Trumpet the emptiness, shall turn to shame
Silence, that borderland of all our speech,
Sends lengthening shadows on our name,
Lays hands upon us. It is a death we never reach
But daily live in. It comes most surely.
The last is the essence of the first
And the certain guardian of the purely
Providential silence, hunger; thirst.
Lord God, when the time of silence comes,
When my sustenance is less than crumbs,
When I stand without a plea,
Let Jesus Christ then speak for me*

16 de fevereiro de 2001

Fonte: *Faith for All of Life*, Abril 2001

⁵ “When the Silence Comes” Copyright 2001 by Dorothy Rushdoony and the Rushdoony Irrevocable Trust.